

Education at a Glance 2010

OCDE Nota para o Brasil

Os governos prestam cada vez mais atenção às comparações internacionais, uma vez que procuram políticas públicas efetivas, capazes de melhorar os indicadores econômicos e sociais, promover eficiência no ensino e ajudar a mobilizar recursos para demandas crescentes.

Em resposta a essa necessidade, a Diretoria de Educação da OCDE se esforça para desenvolver e analisar quantitativamente indicadores internacionais comparáveis, que são publicados anualmente no Education at a Glance (Panorama da Educação). Esses indicadores permitem aos formuladores de políticas educacionais e técnicos analisarem seus sistemas educacionais em relação à performance dos outros países e, juntamente com a OCDE, apoiar e rever esforços feitos acerca das políticas educacionais. Esta publicação traz dados dos 31 países da OCDE¹ e de 8 países não-membros², entre eles o Brasil.

Nesta nota estão os principais destaques do Brasil na publicação. Os dados educacionais são referentes ao ano de 2008 e, os financeiros, a 2007.

Na página final desta nota encontra-se uma tabela de correspondência entre os níveis educacionais do sistema educacional brasileiro e a Classificação Internacional Padronizada da Educação ISCED97 definida por Unesco/OCDE/Eurostat.

A publicação Education at a Glance 2010, assim como o sumário executivo, os dados e as tabelas on-line podem ser obtidos por meio de *download* gratuito no site www.oecd.org/edu/eag2010.

¹ Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, República Tcheca, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Itália, Japão, Coreia, Luxemburgo, México, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Portugal, República Eslovaca, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos.

² Brasil, Federação Russa, Estônia, Eslovênia, Israel, China, Índia e Indonésia.

NÍVEL ESTUDANTIL DOS ADULTOS (Indicador A1)

Este indicador traça um perfil do nível educacional da população adulta, obtido através de qualificações da educação formal. Dessa maneira, fornece um panorama dos conhecimentos e habilidades disponíveis para as economias nacionais e sociedades. (Tabelas A1.1a, A1.2a, A1.3a e A1.4 e Gráficos A1.1, A1.2 e A1.3)

Tendências Globais

Resultados para o Brasil

TAXAS DE CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA PELOS ADULTOS NOS PAÍSES DA OCDE E PAÍSES PARCEIROS

Na maioria dos países da OCDE, 60% ou mais dos adultos de 25 a 64 anos concluíram a educação secundária.

- Nos países da OCDE, em média, 44% da população de 25 a 64 anos completou a educação secundária e 29% concluiu apenas o primário ou o 1º ciclo da educação secundária.
- Em 25 dos 30 países da OCDE, assim como nos países parceiros Estônia, Israel, Federação Russa e Eslovênia – 60% ou mais da população de 25 a 64 anos concluiu, pelo menos, a educação secundária. No entanto, no México, Portugal e Turquia, menos de 34% da população nessa faixa etária completou esse nível de ensino.
- Contudo, uma comparação entre população mais jovem e a população mais velha indica um progresso significativo no percentual da população que concluiu a educação secundária, exceto nos EUA, onde houve uma diferença mínima entre os grupos etários.

TAXAS DE CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA PELOS ADULTOS NO BRASIL

No Brasil, mais de 60% da população de 25 a 64 anos não concluiu a educação secundária.

- No Brasil, 39% da população de 25 a 64 anos concluiu a educação secundária e portanto, 61% não completou esse nível de ensino.
- A proporção da população brasileira de 25 a 34 anos que completou a educação secundária (50%) é 27 pontos percentuais maior que a da população de 55 a 64 anos (23%).

TAXAS DE CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO TERCIÁRIA PELOS ADULTOS NOS PAÍSES DA OCDE E PAÍSES PARCEIROS

Na maioria dos países da OCDE, as taxas de conclusão da educação terciária pela população mais jovem (25 a 34 anos) são significativamente maiores que na população mais velha (55 a 64 anos).

- Em média, entre os países da OCDE, 35% da população mais jovem completou a educação terciária e apenas 20% da população mais velha concluiu o mesmo nível de ensino. Na Irlanda, Coreia e Japão, há uma diferença percentual de 25 pontos ou mais entre as taxas de conclusão da educação terciária das populações mais jovem e mais velha.
- A rápida expansão da educação terciária colocou o Japão e a Coreia no topo do grupo de países, juntos com o Canadá e a Federação Russa. Nesses países mais de 50% da população mais jovem concluiu a educação terciária.

TAXAS DE CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO TERCIÁRIA PELOS ADULTOS NO BRASIL

A população mais jovem (25 a 34 anos), no Brasil, apresenta uma taxa de conclusão da educação terciária maior que a população mais velha, contudo essa diferença percentual é de apenas 2%.

- A taxa de conclusão da educação terciária para a população de 25 a 64 anos, no Brasil, é de 11% portanto, muito abaixo da média da OCDE (28%).
- 11% da população brasileira na faixa etária mais jovem (25 a 34 anos) completou a educação terciária, enquanto 9% da população de 35 a 64 anos completou o mesmo nível.

CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA E TRANSIÇÃO PARA A TERCIÁRIA (indicador A2)

Esse indicador apresenta o resultado de conclusão da educação secundária dos sistemas educacionais. Além disso, trás o percentual de um grupo de jovens que passam para os diferentes tipos de educação terciária e o impacto de estudantes de outras nacionalidades. (Tabelas A2.1, A2.2, A2.3 e A2.4)

TAXAS DE CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NOS PAÍSES DA OCDE E PAÍSES PARCEIROS

As taxas são afetadas por alunos fora da idade típica de conclusão. Alunos adultos representam 40% ou mais do total na Austrália, Dinamarca, Finlândia, Islândia e Noruega.

- Na maior parte dos países da OCDE as taxas de conclusão educação secundária realizada pela primeira vez da são superiores a 70%.
- Invertendo o padrão histórico, as mulheres estão completando mais a educação secundária do que os homens em quase todos os países da OCDE e países parceiros. Apenas na Suíça e Turquia acontece o oposto.
- A proporção de alunos que ingressam na educação terciária do tipo B é geralmente menor do que a dos que ingressam na do tipo A. Nos países da OCDE, em média, 16% dos jovens entram no tipo B e 56% no tipo A.

TAXAS DE CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NO BRASIL

Alunos adultos têm um efeito particularmente forte nas taxas de conclusão no Brasil, uma vez que representam 47% do total.

O IMPACTO DA EDUCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO (Indicador A6)

Este indicador examina a relação entre os níveis educacionais obtidos e a situação da força de trabalho, tanto para homens quanto para mulheres. Essas informações sobre emprego e desemprego fornecem uma visão geral da participação da população no mercado de trabalho. (Tabelas A6.1a, A6.2b(web), A6.2c (web) e Gráficos A6.2, A6.3)

TAXA DE EMPREGO DE HOMENS E MULHERES SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO

Na maior parte dos países da OCDE, as taxas de emprego aumentam substancialmente com a conclusão de um nível educacional.

- As taxas de emprego nos países da OCDE para a população de 25 a 64 anos aumentam de 74% para homens e 51% para mulheres com o 1º ciclo da educação secundária concluída para, em média, 90% para homens e 80% para mulheres com a educação terciária completa.
- Em quase todos os países, as taxas de emprego para mulheres que concluíram educação terciária tipo A são de 75% ou mais, exceto Japão, Coréia, México e Turquia. Contudo, as taxas de emprego das mulheres ainda são menores que a dos homens em todos os países.
- Para as mulheres, a conclusão da educação secundária aumenta a empregabilidade em 19 pontos percentuais e, da educação terciária, em quase 32 pontos percentuais, se compararmos com aquelas que não concluíram a educação secundária.
- Na Hungria, Itália e República Eslovaca, as taxas de emprego para as mulheres na faixa de 25 a 64 anos que completaram a educação secundária são 30 pontos percentuais mais altas do que as taxas daquelas que não concluíram esse nível educacional. Mulheres com educação terciária parecem estar em vantagem na Turquia, onde as taxas de emprego para elas são 35 pontos percentuais mais altas do que para mulheres com apenas a educação secundária completa.

No grupo de homens de 25 a 64 anos, há também uma grande diferença nas taxas de emprego entre os que concluíram ou não a educação secundária. Os casos extremos são República Tcheca, Hungria e República Eslovaca, onde as taxas de emprego para os homens com educação secundária completa são, pelo menos, 29 pontos percentuais mais altos do que para aqueles que não concluíram esse nível de ensino.

TAXA DE EMPREGO DE HOMENS E MULHERES SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO NO BRASIL

No Brasil, as taxas de emprego aumentam com a conclusão de um nível educacional, em especial, para as mulheres.

- Na população brasileira de 25 a 64 anos, as taxas de emprego para homens com a educação secundária completa é de 87% e para as mulheres, 58%.
- Para os que concluíram a educação terciária, as taxas de emprego são de 91% para os homens e 82% para as mulheres.
- Mulheres que concluem a educação secundária aumentam sua empregabilidade em 15 pontos percentuais e, com a educação terciária completa, aumentam em quase 30 pontos percentuais se compararmos com aquelas que não concluíram a educação secundária.
- A diferença nas taxas de emprego, no Brasil, entre os homens de 25 a 64 anos com e sem a educação secundária concluída é de 4 pontos percentuais. Essa tendência é também seguida pela Islândia, México e Portugal.

BENEFÍCIOS ECONÔMICOS DA EDUCAÇÃO (Indicador A7)

Este indicador examina os ganhos relativos de trabalhadores com diferentes níveis educacionais concluídos. Diferenças de renda entre os grupos educacionais fornecem um bom indicativo de oferta e demanda de educação. Combinadas com os dados de ganhos ao longo do tempo, essas diferenças fornecem um forte sinal do alinhamento dos sistemas educacionais com o mercado de trabalho. (Tabelas A7.1, A7.1a, A7.1b(web), A7.4a (web), A7.4b(web), A7.4c(web), Gráficos A7.1, A7.2, A7.3, A7.4)

AUMENTO DA RENDA E CONCLUSÃO DE NÍVEIS EDUCACIONAIS

A renda, na maioria dos países da OCDE, aumenta substancialmente com a conclusão da educação secundária ou da terciária. Na maioria dos países os ganhos excedem 50% para os que concluem a educação terciária.

- Nos países da OCDE e países parceiros, a renda aumenta com a conclusão de cada nível educacional. Aqueles que concluíram a educação secundária ou educação terciária têm um aumento substancial em suas rendas, comparados com os indivíduos do mesmo sexo que não completaram a educação secundária. Os ganhos para os que concluem a educação terciária excedem 50% em 17 dos 28 países.
- A renda é relativamente maior para indivíduos mais velhos que concluíram a educação terciária em todos os países exceto na Austrália, Itália, Israel, Nova Zelândia, Reino Unido e Turquia.
- Mulheres que não possuem a educação secundária estão em desvantagem em Israel, Canadá, Irlanda, Portugal, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos, uma vez que ganham 70% ou menos da renda daquelas que concluíram esse nível de ensino. Entre os homens ocorre situação similar em Portugal, Reino Unido e Estados Unidos.

AUMENTO DA RENDA E CONCLUSÃO DE NÍVEIS EDUCACIONAIS NO BRASIL

O aumento na renda com a conclusão de um nível educacional, no Brasil, é superior à média dos países da OCDE, visto que os ganhos excedem 100% para os que concluem a educação terciária.

- Homens com educação terciária ou programa de pesquisa avançada concluídos têm um aumento substancial em sua renda no Brasil e na Hungria. Nesses países, os ganhos excedem 100% com uma margem substancial. As mulheres têm vantagem similar no Brasil, na Hungria, Reino Unido, Coreia e Irlanda.
- Homens e mulheres que não possuem a educação secundária no Brasil estão em desvantagem em relação àqueles que concluíram esse nível de ensino, seguindo o mesmo padrão dos países citados ao lado.

INDICADORES FINANCEIROS – Investimentos em Educação Por Estudante

(Indicador B1)

Este indicador fornece uma avaliação de investimento financeiro por cada estudante. Os Investimentos nas instituições educacionais por estudante são largamente influenciados por salários de professores, sistemas de pensões, capacitação de aprendizagem, materiais e instalações de ensino e o número de estudantes matriculados no sistema educacional. As políticas para atrair novos professores ou para reduzir o tamanho médio da classe também contribuíram para mudanças nos investimentos por estudante. (Tabelas B1.1a, B1.1b, B1.2, B1.3a, B1.3b, B1.4a, B1.5, B1.6(web) e B1.7(web)).

Tendências Globais

- Os países da OCDE investem em média USD 94.589 por estudante dentro da duração teórica dos estudos da educação primária (ensino fundamental inicial) e do primeiro nível da educação secundária (ensino fundamental final).
- O investimento médio por estudante na educação primária dos países da OCDE é de USD 6.756.
- Na educação secundária, a média da OCDE para gasto por aluno é de USD 8.153.
- Na educação terciária o investimento médio é de USD 16.625.
- Na educação primária o investimento médio dos países da OCDE dentro da duração teórica é de USD 39.674.
- Dentro da duração teórica, o gasto médio na educação secundária é de USD 54.845.
- Investimentos nas Instituições de Ensino por estudante em média é de 20% do PIB *per capita* na educação primária, 22% no primeiro nível da educação secundária e 40% na educação terciária.
- Cinco dos treze países (República Tcheca, México, Polônia, República da Eslováquia e Estados Unidos) onde ocorreu um aumento acima de 20% no período de 2000 a 2007 na matrícula de alunos na educação terciária, obtiveram um aumento no investimento por estudante no mínimo na mesma proporção.
- Entre 2000 e 2007, em 21 dos 30 dos países membros e parceiros da OCDE o investimento por estudante na educação primária, secundária e pós-secundária não-

Resultados para o Brasil

- O Brasil investe em média, USD 19.516 por estudante dentro da duração teórica dos estudos da educação primária (ensino fundamental inicial) e do primeiro nível da educação secundária (ensino fundamental final).
- O investimento médio por estudante na educação primária no Brasil é de USD 1.862.
- Na educação secundária, a média da OCDE para gasto por aluno é de USD 1.750.
- Na educação terciária o investimento médio é de USD 10.950.
- Na educação primária, o investimento médio dentro da duração teórica é de USD 7.447.
- O gasto médio na educação secundária dentro da duração teórica é de USD 12.069.
- Investimentos por estudante em relação ao PIB per capita equivale a 17% na educação primária, 18 % no primeiro nível da educação secundária e 102% na educação terciária.
- O Brasil, bem como Chile, Hungria, Islândia, Irlanda, Nova Zelândia, Suíça e Israel não obtiveram o mesmo desempenho que os cinco países citados ao lado.
- O Brasil está entre os países que obtiveram um aumento acima de 40% no investimento por estudante na educação primária, secundária e pós-secundária não-terciária ao longo do período de 2000 a 2007.

terciária aumentou no mínimo em 10%.

INDICADORES FINANCEIROS - Investimentos com Instituições de Ensino em Relação ao Produto Interno Bruto (PIB) (Indicador B2)

Os investimentos nas instituições de ensino como percentual em relação ao PIB mostram como um país prioriza a educação em relação à dotação global de recursos. As taxas escolares e os investimentos em educação de fontes de entidades privadas que não sejam da família têm um forte impacto nos diferentes montantes de recursos financeiros que os países da OCDE investem em seus sistemas de educação, especialmente na educação superior. (Tabelas B2.1, B2.2, B2.3, B2.4, B2.5(web))

Tendências Globais

- Cerca de 59% dos investimentos, ou 3,6% do PIB dos países da área da OCDE, é para a educação primária, secundária e pós-secundário não-terciário.
- A educação terciária corresponde por perto de um terço dos investimentos dos países da OCDE combinados. (2,0% do PIB).
- Em relação ao percentual da população matriculada na educação primária e no 1º. ciclo da educação secundária que está na faixa de 5-14 anos (faixa etária teoricamente correspondente), a média dos países da OCDE é de 12,3%.
- No período de 2000 a 2007, os gastos em educação na média dos países da OCDE em todos os níveis de ensino combinados aumentou em 26%.
- Muitas pessoas estão completando o segundo nível da educação secundária (ensino médio) e educação terciária antes do que o usual, e em muitos países a expansão tem sido acompanhada por fortes investimentos financeiros. Para todos os níveis de ensino combinados, os investimentos financeiros públicos e privados aumentaram em todos os países em cerca de 8% entre 1995 e 2007 em valores reais.
- O percentual médio dos investimentos em educação nos países da OCDE é de 6,2 % em relação ao PIB (3,6% na educação primária e secundária e 2% na educação terciária).

Resultados para o Brasil

- Em 2007, o Brasil despendeu 5,2% (3,7% em 1995) do PIB em todos os níveis de ensino combinados (apenas investimentos públicos). Na educação terciária, o país aloca 0,8% (0,7% em 1995) do PIB e 4,0% (2,6%) na educação primária e secundária.
- No Brasil, o percentual de matriculados na educação primária e no 1º. ciclo da educação secundária na faixa etária teoricamente correspondente (5-14 anos) é de 18,2%.
- Entre 2000 e 2007, houve um aumento de 66% do percentual dos gastos em educação no Brasil em todos os níveis de ensino combinados.
- O Brasil está entre os 10 países com uma proporção acima da média da população na idade teórica para educação primária e secundária baixa (ensino fundamental) que possuem investimentos em educação como percentual do PIB abaixo da média da OCDE.

INDICADORES FINANCEIROS – Total de Investimentos Públicos com Educação (Indicador B4)

Os investimentos públicos com educação como porcentagem do volume total de investimentos públicos indicam o valor da educação em relação ao valor de outros investimentos públicos tais como saúde, previdência social, defesa e segurança. Fornecem um contexto importante para os demais indicadores relativos a investimentos, é a quantificação de uma ferramenta importante de alavancagem de políticas, independente de outro fator. (Tabelas B4.1, B4.2(web), B4.3a(web), B4.3b(web))

Tendências Globais

- Entre 1995 e 2007, o total do investimento público como percentual do PIB tendeu a um crescimento sem muita expressão. No entanto, na educação, houve um crescimento considerável se relacionado ao total do investimento público na maioria dos países, e em média, mais rápido que o crescimento do PIB.
- Nos países da OCDE em 2007, a média da proporção dos investimentos em educação em relação aos investimentos públicos sociais é de 13,3% em todos os níveis de ensino combinados. Na educação terciária esse índice é de 3,1% e na educação primária e secundária é de 9,0% dos investimentos sociais.

Resultados para o Brasil

- O Brasil está entre os 6 países (juntamente com Chile, Dinamarca, Holanda, República da Eslováquia e Suécia) que obtiveram um crescimento particularmente significativo no que diz respeito a investimentos em favor da educação.
- No Brasil, em 2007, os investimentos em educação corresponderam a 16,1% dos investimentos públicos sociais em todos os níveis de ensino combinados. Foi um grande salto, comparado ao índice de 11,2% referente ao ano de 1995.
- A educação terciária correspondeu a 2,6% e na educação primária e secundária foi de 12,2% dos investimentos sociais.

QUEM PARTICIPA NA EDUCAÇÃO (Indicador C1)

Este indicador examina o acesso à educação e sua evolução usando informações de taxas de matrículas no período de 1995 a 2008. Mostra também padrões de participação da educação secundária e terciária e compara a participação de instituições educacionais públicas e privadas entre os países da OCDE e parceiros. (Tabelas C1.1, C1.2, C1.3, C1.4, C1.5 e C1.6, Gráficos C1.1, C1.2)

ACESSO À EDUCAÇÃO

TEMPO EM QUE OS ALUNOS FICAM MATRICULADOS NA EDUCAÇÃO FORMAL

Na maior parte dos países da OCDE, todos têm acesso a, pelo menos, 11 anos de educação formal.

- Na última década, na maioria dos países da OCDE, os alunos tiveram acesso a, pelo menos, 12 anos de educação formal. Na Bélgica, França, Alemanha, Hungria, Islândia, Irlanda, Itália, Japão, Holanda, Noruega, Espanha, Suécia e Estônia, pelo menos 90% dos estudantes estão matriculados por um período de 14 anos ou mais.
- Na Grécia, Coréia, México e Estados Unidos, 90% dos alunos estão matriculados por um período de 11 anos.
- Na Grécia, Itália, Noruega, Turquia e no México, o período em que 90% da população está matriculada aumentou em 1 ano em relação a 2007.

ACESSO À EDUCAÇÃO NO BRASIL

TEMPO EM QUE OS ALUNOS FICAM MATRICULADOS NA EDUCAÇÃO FORMAL

No Brasil, 90% dos alunos ficam matriculados por 9 anos na educação formal.

- No Brasil, assim como na Turquia, o período de tempo em que 90% dos alunos estão matriculados é de 9 e 7 anos, respectivamente.
- No Brasil, Israel, Chile, na Coréia e Suécia, o período em que 90% da população está matriculada diminui 1 ano em relação a 2007.

ACESSO À EDUCAÇÃO

MATRÍCULAS EM PROGRAMAS GERAIS E VOCACIONAIS

Nos países da OCDE, em média, 47% dos alunos do 2º ciclo da educação secundária estão matriculados em programas com orientação vocacional ou pré-vocacional.

- Em 13 países da OCDE e no país parceiro Eslovênia, a maioria dos alunos do 2º ciclo da educação secundária se matriculam em programas vocacionais ou pré-vocacionais.

ACESSO À EDUCAÇÃO NO BRASIL

MATRÍCULAS EM PROGRAMAS GERAIS E VOCACIONAIS

No Brasil, cerca de 89% dos alunos do 2º ciclo da educação secundária estão matriculados em programas gerais.

- No Brasil, assim como no Canadá, Chile, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Japão, Coréia, México, Portugal, Turquia, Reino Unido, Estônia e Israel, 60% ou mais dos alunos do 2º ciclo da educação secundária estão matriculados em programas gerais, embora os programas vocacionais e/ou pré-vocacionais sejam oferecidos.

IDADE EM QUE O ENSINO OBRIGATÓRIO TERMINA

Nos países da OCDE, a idade teórica em que o ensino obrigatório termina varia de 14 a 18 anos.

- A idade teórica em que termina o ensino obrigatório, nos países da OCDE e parceiros, varia de 14 anos na Coreia, Portugal, Turquia e Eslovênia, a 18 anos na Bélgica, Alemanha, Hungria, Holanda e Chile.

IDADE EM QUE O ENSINO OBRIGATÓRIO TERMINA NO BRASIL

No Brasil, 14 anos é a idade teórica de conclusão do ensino obrigatório.

- No Brasil, o término do ensino obrigatório se dá aos 14 anos que corresponde à idade de conclusão do ensino fundamental. Essa faixa etária está abaixo da maioria dos países.

PARTICIPAÇÃO NO FIM DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA

As taxas de participação no fim do ensino obrigatório tendem a ser altas na maioria dos países da OCDE. Entretanto, elas declinam gradualmente durante os últimos anos da educação secundária.

- As taxas de participação tendem a ser altas no fim do ensino obrigatório na maioria dos países da OCDE e países parceiros. Contudo, na Bélgica, Chile, Alemanha, Hungria, México, Holanda, Nova Zelândia, Turquia e Estados Unidos, elas caem a menos de 90% antes do final do ensino obrigatório.
- Na Bélgica, Chile, Alemanha, Hungria, Holanda e Estados Unidos, isso se deve, em parte, ao fato do ensino obrigatório terminar relativamente tarde, aos 18 anos em todos eles, exceto os Estados Unidos, onde termina aos 17 anos.
- Na maioria dos países da OCDE e nos países parceiros, as taxas de matrícula declinam gradualmente durante os últimos anos da educação secundária. Mais de 20% da população entre 15 e 19 anos não está matriculada na Áustria, Chile, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Turquia, Reino Unido e nos países parceiros Israel e Federação Russa.

PARTICIPAÇÃO NO FIM DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NO BRASIL

No Brasil, as taxas de participação estão abaixo da média da OCDE, mas também declinam gradualmente nos últimos anos da educação secundária.

- No Brasil, a taxa de participação ao final do ensino obrigatório é de aproximadamente 76%, ficando abaixo da média da OCDE.
- A taxa de matrícula declina gradualmente nos últimos anos da educação secundária, assim, cerca de 23% da população entre 15 e 19 anos não está matriculada. O País segue o padrão da maioria dos países da OCDE e países parceiros.

TAMANHO RELATIVO DOS SETORES PÚBLICO E PRIVADO

Nos países da OCDE, em média, o setor público predomina em todos os níveis de ensino.

- Em média, 91% dos estudantes de educação primária dos países da OCDE estão matriculados em escolas públicas. O percentual diminui um pouco na educação secundária: 85% dos alunos do 1º ciclo e 83% do 2º ciclo estão estudando em instituições públicas.
- Japão e México são exceções, pois, nesses países as instituições privadas recebem, respectivamente, 31% e 20% dos alunos do 2º ciclo da educação secundária.
- Em média, nos países da OCDE, as instituições públicas detêm 67% dos alunos de educação tecnológica e 78% dos alunos dos cursos tipo A e pós-graduação.

TAMANHO RELATIVO DOS SETORES PÚBLICO E PRIVADO NO BRASIL

O Brasil segue o mesmo padrão dos países da OCDE no primário e secundário, contudo o percentual de alunos da educação terciária é significativamente maior em instituições privadas.

- No Brasil, cerca de 90% dos alunos de educação primária, 91% do 1º ciclo da educação secundária e 87% do 2º ciclo da educação secundária estão matriculados em instituições públicas.
- No Brasil, as instituições privadas detêm 85% dos alunos de educação tecnológica e 72% dos alunos dos cursos tipo A e pós-graduação.

QUEM ESTUDA NO EXTERIOR E ONDE (Indicador C2)

Este indicador fornece uma visão da mobilidade estudantil e internacionalização da educação terciária nos países da OCDE e países parceiros. Ele mostra a tendência global e os principais destinos dos estudantes internacionais, assim como a forma como o mercado internacional de educação terciária está dividido. (Tabelas C2.2, C2.3, Gráfico C2.2, Quadro C2.2)

OFERTA DE PROGRAMAS DA EDUCAÇÃO TERCIÁRIA EM INGLÊS

Nos países da OCDE, um número crescente de instituições de educação terciária estão oferecendo programas em inglês visando atrair um maior número de estudantes estrangeiros.

- A língua usada para instrução é elemento essencial na escolha de um país estrangeiro para a realização de estudos da educação terciária. Por essa razão, países em que a língua de instrução são muito estudadas (como por exemplo, inglês, francês e alemão) lideram em número de estudantes estrangeiros, tanto em termos absolutos como em relativos.
- Desse modo, um número crescente de instituições terciárias em países que não têm o inglês como língua nativa estão oferecendo cursos em inglês, com o intuito de atrair um maior número de estudantes estrangeiros. Isto pode ser claramente percebido nos países nórdicos.
- Os países que têm todos ou quase todos os programas oferecidos em inglês são Austrália, Canadá, Irlanda, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos.

Os países que possuem muitos programas oferecidos em inglês são: Dinamarca, Finlândia, Holanda, Suécia.

OFERTA DE PROGRAMAS DA EDUCAÇÃO TERCIÁRIA EM INGLÊS

No Brasil, praticamente não há oferta de programas de educação terciária em língua inglesa.

- No Brasil, nenhum ou quase nenhum programa de educação terciária é oferecido em inglês. Esse padrão se repete na Áustria, Bélgica (Comunidade Francesa), Grécia, Itália, Luxemburgo, México, Portugal, Espanha, Chile, Israel e Federação Russa.

TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO (Indicador C3)

Este indicador mostra a expectativa de anos que jovens adultos, após terem concluído sua educação inicial, passarão estudando, empregados ou sem emprego relacionando-a com idade e gênero. (Tabelas C3.1b (web), C3.1a, C3.2a, C3.2 b, C3.2c (web), C3.2d, C3.3, Gráficos C3.2, C3.3)

TEMPO EM QUE HOMENS E MULHERES ENTRE 15 E 29 ANOS FICAM SEM TRABALHAR OU ESTUDAR.

Nos países da OCDE, mulheres entre 15 e 29 anos ficam muito mais tempo sem estudar e trabalhar que os homens na mesma faixa etária.

- Homens jovens entre 15 e 29 anos passam 1,5 anos sem estudar ou trabalhar. Já as mulheres na mesma faixa etária passam 2,6 anos na mesma situação.
- No Canadá, Dinamarca, Japão, Holanda, Noruega, Suécia, Suíça e Israel, a diferença entre homens e mulheres nessa faixa etária é muito pequena (menor do que 6 meses).
- Assim, se compararmos com os homens, as mulheres entre 15 e 29 anos, em todos os países da OCDE, ficarão menos tempo empregadas. Isto se dá em parte pelo tempo gasto na educação, mas também pode ser atribuído a outros fatores, tais como o tempo gasto na criação dos filhos (Tabela C3.1a).

TEMPO EM QUE HOMENS E MULHERES ENTRE 15 E 29 ANOS FICAM SEM TRABALHAR OU ESTUDAR.

No Brasil, essa diferença entre homens e mulheres é ainda maior.

- No Brasil, assim como na República Tcheca, México, Turquia, existe uma tendência muito maior de as mulheres entre 15 e 29 anos deixarem a escola e ficarem fora do mercado de trabalho.

RELAÇÃO ALUNO/PROFESSOR E TAMANHO DAS TURMAS (Indicador D2)

Este indicador examina o tamanho das turmas, número de alunos por turma na educação primária e no 1º ciclo da educação secundária e a média de estudantes por pessoal educacional (professores e auxiliares de ensino) e não-educacional (pessoal administrativo). (Tabelas D2.1, D2.2, D2.3, D2.4 (web), Gráficos D2.2, D2.3, D2.4, Quadro D2.1, D2.2, D2.3 e D2.4)

NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA

O tamanho médio das turmas do nível primário, nos países da OCDE, é de aproximadamente 21 alunos por classe, e no 1º ciclo da educação secundária, o tamanho médio é de 24 alunos por classe.

- Contudo, esses números variam muito entre os países. Na educação primária, Coreia e Chile possuem em torno de 30 alunos ou mais por turma e a Áustria, República Tcheca, Dinamarca, Finlândia, Grécia, Islândia, Itália, Luxemburgo, México, Polônia, Portugal, República Eslovaca, Suíça, Estônia, Federação Russa e Eslovênia possuem 20 alunos ou menos por turma.
- No 1º ciclo da educação secundária, a média dos países da OCDE é de em torno de 24 alunos por turma. Contudo, há também uma grande variação entre os países, indo de 35 alunos por turma na Coreia a 20 alunos ou menos por turma na Dinamarca, Islândia, Luxemburgo, Suíça e Federação Russa.
- Nos países da OCDE, o número de alunos tende a aumentar, em média, em 2 alunos por turma, entre o educação primária e o primeiro ciclo da educação secundária.
- No Reino Unido e, em menor medida, nos Estados Unidos, há uma queda no número de alunos entre esses dois níveis educacionais
- O indicador tamanho da turma está limitado a educação primária e ao primeiro ciclo da educação secundária, uma vez que o tamanho das turmas é difícil de definir e comparar em níveis educacionais mais elevados, pois, em muitos países, os alunos frequentam diferentes turmas, dependendo da matéria que estão cursando.
- Entre 2000 e 2008, o número médio de alunos na educação primária não variou significativamente (21,6, em 2008, e 22,0, em 2000). Contudo, entre os países com dados comparáveis, o tamanho das turmas diminuiu nos países que tinham as maiores turmas em 2000 (por exemplo, Coreia e Turquia), e aumentou (ou ficou constante) nos países que tinham as menores turmas em 2000 (Islândia, Itália e Luxemburgo).
- No nível secundário, a variação no tamanho das turmas entre 2000 e 2008 seguiu padrão similar.

NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA

No Brasil, o tamanho médio das turmas em ambos níveis educacionais é superior a média dos países da OCDE.

- O tamanho das turmas no País é de aproximadamente 25 alunos por turma na educação primária e 30 no primeiro ciclo da educação secundária.
- No Brasil, assim como na Áustria, Grécia, no Japão, na Coreia, em Luxemburgo, no México, na Polônia e em Israel esse aumento é maior, pois passa de 4 alunos por turma.
- Contudo, o número médio de alunos por turma está diminuindo. Entre 2000 e 2008, houve uma redução no tamanho das turmas. Na educação primária houve uma redução de aproximadamente 1 aluno por turma e, no 1º ciclo da educação secundária, de aproximadamente 4 alunos por turma.

RELAÇÃO ALUNO/PROFESSOR NA EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA E PRIMÁRIA.

Nos países da OCDE, cada professor da educação primária tem, em média, 16 alunos.

- Na educação primária, a proporção de alunos por professor vai de 24 estudantes ou mais por professor na Coreia, México, Chile e Turquia a menos de 11 estudantes na Hungria, Itália, Noruega e Polônia. A média da OCDE na educação primária é de 16 alunos por professor
- Na educação pré-primária, é importante medir não só o número de alunos por professor, mas também o número de alunos por auxiliares de educação. Em média, os países da OCDE têm 14 alunos de educação pré-primária por professor e 13 alunos por auxiliar de educação. Os países com maior número de auxiliares de educação proporcionalmente ao número de alunos são Áustria, Chile, Alemanha, Irlanda e Estados Unidos.

RELAÇÃO ALUNO/PROFESSOR NA EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA E PRIMÁRIA.

O Brasil está entre os países com turmas de educação primária mais numerosas. A média no País é de aproximadamente 25 estudantes por professor.

- No Brasil o tamanho médio das turmas de educação primária é de aproximadamente 25 estudantes por professor, o que coloca o país entre os que têm as turmas mais numerosas nesse nível educacional.
- Na educação pré-primária, o Brasil tem um grande número de auxiliares de educação, por isso, o número de alunos por auxiliar (14) é menor do que o número de alunos por professor (19).

RELAÇÃO ALUNO/PROFESSOR E NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS.

Nos países da OCDE, as instituições públicas têm, em média, 1 aluno a mais por professor e 1 aluno a mais por turma que as instituições privadas.

- Nos países da OCDE e países parceiros, o número de alunos da educação secundária (primeiro e segundo ciclo) por professor é menor nas instituições privadas que nas públicas. A média é de 1 aluno a mais por professor nas instituições públicas de educação secundária em comparação com as instituições privadas.
- Há alguns países da OCDE em que a taxa de alunos por professor é menor nas instituições públicas que nas privadas. Isso pode ser percebido, por exemplo, no 1º ciclo da educação secundária na Espanha, onde os professores das instituições privadas têm, em média, 16 alunos, enquanto os professores das instituições privadas 9 alunos.
- O tamanho médio das turmas varia pouco nas instituições públicas e privadas nos países da OCDE, tanto na educação primária, como no 1º ciclo da educação secundária (1 estudante a mais por turma em ambos níveis educacionais).
- Entretanto, há diferenças marcantes entre os países. Na educação primária, Polônia, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos e Federação Russa, as instituições públicas têm, em média, 4 a mais por turma que as instituições privadas. Entre esses países, apenas nos Estados Unidos o setor privado é representativo.

RELAÇÃO ALUNO/PROFESSOR E NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS.

O Brasil está entre os países com as maiores diferenças no número de alunos por professor e de alunos por turma entre as instituições públicas e privadas.

- As maiores diferenças estão no Brasil, México e Reino Unido, onde no 1º ciclo da educação secundária, há, pelo menos, 9 alunos a mais por professor nas instituições públicas em comparação com as privadas. Essa diferença, no México, para o 2º ciclo da educação secundária, é ainda maior.
- Em relação ao número de alunos por turma, o Brasil está entre os países em que as turmas de educação primária das instituições públicas têm, em média, 4 alunos ou mais que nas instituições privadas. Contudo, o setor privado no Brasil é representativo.

ESCOLHA DAS ESCOLAS (Indicador D5)

Este indicador examina como se dá a escolha das escolas e analisa como os meios usados pelos países para promover ou restringir a escolha das escolas na educação primária e no 1º ciclo da educação secundária. (Tabelas D5.1, D5.2, D5.3, D5.4 Gráfico D5.1)

TIPOS DE ESCOLA E ESCOLHA.

Na maioria dos países da OCDE, há quatro tipos de instituições que oferecem educação compulsória. Além das escolas públicas, há escolas privadas independentes, escolas privadas dependentes do governo e ensino domiciliar (homeschooling). Entre as privadas, as dependentes do governo são as que possuem o maior percentual de matrículas.

- A maioria dos países permite diversos tipos de instituições ofereçam a educação compulsória. Além de escolas públicas, existem outras 3 formas de formas privadas de ensino: escolas privadas independentes, escolas privadas dependentes do governo e ensino domiciliar (homeschooling).
- Contudo, poucos países têm um número significativo de matrículas nas instituições privadas. Em 22 países de OCDE, as escolas privadas dependentes do governo detêm, em média, 14% do total de estudantes da educação primária e do 1º ciclo da educação secundária. E as escolas privadas independentes possuem em torno de 4% do total desses alunos.
- 16 países da OCDE reportaram alunos na educação domiciliar e as matrículas nessa modalidade educacional representam 0,4% do total de matrículas.
- A escolha de escola se dá também entre as escolas públicas. Em 16 países da OCDE, é permitido aos pais escolherem livremente a escola pública de sua preferência. Mas, a maioria restringe essa escolha a área geográfica em que vive o aluno.

TIPOS DE ESCOLA E ESCOLHA.

No Brasil, há dois tipos de instituições que oferecem educação compulsória: escolas públicas e escolas privadas independentes. O ensino domiciliar não é permitido.

- No Brasil, há dois tipos de instituição que oferecem a educação compulsória: escolas públicas e escolas privadas independentes, que possuem em torno de 89% e 11% das matrículas, respectivamente. A educação domiciliar não é permitida no País.
- No Brasil, os pais podem escolher em que escola pública querem matricular os filhos, contudo, em geral, há restrição quanto à área geográfica em que vive o aluno.

PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NAS ESCOLAS (Indicador D6)

Este indicador analisa as oportunidades que os pais têm em participar e decidir sobre a educação dada a seus filhos na escola. (Tabelas D6.1, D6.2, D6.3, Gráfico D6.1)

OPORTUNIDADE QUE OS PAIS TÊM DE PARTICIPAR DE DECISÕES NA ESCOLA.

A maioria dos países da OCDE possui diferentes formas de assegurar a participação formal dos pais nas decisões das escolas.

- Em 18 dos 30 países da OCDE é obrigatória a participação das organizações de pais nos conselhos escolares das escolas públicas. Em 6, essa participação é obrigatória também em escolas particulares.

OPORTUNIDADE QUE OS PAIS TÊM DE PARTICIPAR DE DECISÕES NA ESCOLA.

No Brasil, essa participação não é formalmente requerida, apesar de ser bastante incentivada.

- No Brasil, não há obrigatoriedade de conselhos escolares nas escolas públicas e conseqüentemente não há a obrigatoriedade da participação formal dos pais nas decisões da escola, contudo tanto a formação de conselhos, quanto a participação dos pais são incentivada, inclusive com políticas específicas.

Classificação Internacional Padronizada da Educação – ISCED97

- A Classificação Internacional Padronizada da Educação de 1997 (ISCED97), define sete níveis educacionais.

Correspondência entre os níveis educacionais do ISCED97 e o Sistema Educacional Brasileiro

Níveis do ISCED 97	Sistema Educacional Brasileiro (atual)
ISCED 0 (<i>Pré-primary level of education</i>) Educação Pré-primária - a partir de 3 anos de idade	Creche e Pré-escola (a partir de 3 anos de idade)
ISCED 1 (<i>Primary level of education</i>) Educação Primária	Ensino fundamental de 1ª a 4ª série, 1º a 5º ano ou equivalente
ISCED 2 (<i>Lower secondary level of education</i>) 1º nível da educação secundária	Ensino fundamental de 5ª a 8ª série, 6º a 9º ano ou equivalente
ISCED 3 (<i>Upper secondary level of education</i>) 2º nível da educação secundária	Ensino médio
ISCED 4 (<i>Post-secondary non-tertiary</i>) Pós-secundário não-terciário	(<i>Não se aplica ao Brasil</i>)
ISCED 5 (<i>First stage of tertiary education</i>) Primeiro estágio da educação terciária	Educação terciária tipo B (Educação Superior em Tecnologia)
	Educação terciária tipo A (demais cursos de graduação – excluindo-se os cursos seqüenciais e os de especialização <i>lato sensu</i> – mestrado e mestrado profissional)
ISCED 6 (<i>Second stage of tertiary education leading to an advanced research qualification</i>) – <i>doctoral and pos-doctoral degrees</i> (Segundo estágio da educação terciária, levando a qualificação avançada para pesquisa) – doutorado e pós-doutorado.	Pós-graduação (<i>stricto sensu</i>): doutorado.